

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

OS SOFRIMENTOS DE

ALZIRA



2572
MANOEL PEREIRA SOBRINHO



OS SOFRIMENTOS DE ALZIRA

© Copyright 1957 — Editora Prelúdio Limitada
São Paulo — Brasil

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística

Registrado na Biblioteca Nacional sob o N.º 11.053



EDITORA
 **Prelúdio** L^{DA}

RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374
SÃO PAULO

MANOEL PEREIRA SOBRINHO

OS SOFRIMENTOS DE ALZIRA

Romance cheio de passagens, impossíveis por-
rem reais, como se pode ver até que ponto
chega a honra de uma mulher honesta. Um
espelho de luz, para as senhoras casadas in-
fieis e uma escola para às futuras esposas.
Riquezas, amores, humilhações, falsidade e so-
frimento, com brilhante vitória.



Oh! Deus Senhor dos Poetas
Fortificai minha lira
Para versar uma historia
Que o mundo todo admira
O verdadeiro romance
Dos sofrimentos de Alzira.

Em um país europeu
Morava um conde orgulhoso
Por nome de Zeferino
Prepotente e presunçoso
Só olhava para o ouro
Não amava ao Poderoso.

Era viuvo há dez anos
E pai de uma donzela
Batizada por Alzira
Caridosa, honesta e bela
Embora que em nada disto
Se prenderia ao pai dela.

Alzira era tão bondosa
Para os mais necessitados
Pois todos os penitentes
Que viviam desprezados
Lhe adoravam como santa
Domingos e feriados.

Ela todos os domingos
Saía pela cidade
Depois da missa das cinco
Remindo a necessidade
Dos entes mais desvalidos
Que imploravam a caridade.

Tinha quatorze empregadas
De modos especiais
Prá conduzirem comida
Pra aulas e hospitais
Prá doentes e crianças
E nas festas, enxovais.

Por São João, Natal e Ano
Todo pobre recebia
Uma roupa e um chapéu
E calçados de valia
Que a condessa mandava
Porem seu pai não sabia.

Ela tinha um escritorio
Pago para este fim
Com guarda-livros, caixeiros
Nos fundos de seu jardim
Para dar presente aos pobres
Desde o melhor ao mais ruim.

Um dia Alzira encontrou
Uma criança de peito
Jogada no seu jardim
Sem cobertor e sem leito
Ela embrulhou-a porem
À vida não deu mais jeito.

Quando botou-a no leito
Ela ali mesmo expirou
Alzira derramou prantos
Mas depois se consolou
Comprou rico enxoval
E a criança sepultou.



Portanto a condessa Alzira
 Era a mãe compadecida
 Dos mendigos e inocentes
 Sentia enorme ferida
 Quando ouvia um desgraçado
 Se lastimando da vida.

Tinha ela quinze anos
 Quando teve um triste sonho
 Vendo o seu pai contra ela
 De um modo tão medonho
 Que despertou agitada
 E com semblante tristonho.

Sonhou que seu pai chegava
 Com uma taça de ouro
 Cheia de fêl e dava
 Dizendo por desaforo
 — Beba este mel minha filha
 Que lhe darei meu tesouro.

No sonho ela recusava
 Aquela tremenda ação
 Porém o pai lhe dizia
 Beba, não faça questão
 Ou bebe a taça de mel
 Ou lhe joga a maldição.

Ela por sonho pegava
 A taça e o fêl bebia
 Sentia uma dor infinda
 Nisto um anjo aparecia
 Com uma taça de mel
 Lhe dava e ela bebia.

Despertou e levantou-se
 E logo se ajoelhou
 Em frente ao seu santuário
 E mais de uma hora orou
 À Deus para lhe livrar
 Do que em sonho passou.

E no outro dia cedo
 Chamou seu pai e contou
 O sonho que havia tido
 O conde aí gargalhou
 Disse: Sonho é ilusão
 Pegou Alzira e beijou.

E naquele mesmo dia
 Foi em visita ao pai dela
 O duque Pedro Agripino
 E vendo a condessa bela
 Sendo primo, apaixonou-se
 E ficou louco por ela.

Na mesa chamou o conde
 E disse: Meu tio querido
 Desejo consorciar-me
 E por haver escolhido
 Alzira a vossa filhinha
 Acho que sou merecido.

Tenho fortuna bastante
 E preciso me casar
 Estimo a condessa Alzira
 Minha prima é meu altar
 Se acaso consentires
 Deveis vos manifestar.

Alzira ouviu a proposta
 E disse: Eu lhe considero
 Como primo e amiguinho
 Porém casar-me não quero
 O duque disse: querida
 Pois então eu desespéro.

Aí o conde pai dela
 Disse-lhe: Tens que aceitar
 A proposta do teu primo
 Pois não podes encontrar
 Outro melhor do que ele
 Para um dia te casar.

— E se negares o sim
Te negarei a benção
Privarei-te a liberdade
Te darei a maldição
Alzira disse: Meu pai
Não faça esta ingratidão.

Nisto recordou o sonho
E soluçou de momento
No coração disse: Oh! Deus
Livrai-me deste tormento
Cabisbaixa disse ao pai:
— Eu aceito o sofrimento.

O duque Pedro Agripino
Ouvindo Alzira falar
Disse ao tio: Rico condado
Mandarei edificar
Para Alzira ser feliz
E em nada reclamar.

A bonita arquitetura
Tinha estátuas de marfim
Jaspe, rubi e brilhante
No suntuoso jardim
A muralha verde-claro
A frente azul e carmim.

No belo quarto de alcova
Existia um santuário
Com a imagem de Cristo
Quando chegou ao Calvário
Rodeada de açucenas
E as plantas do hervário.

A luz sobre um cortinado
Cruzando três corredores
O piso em tapete róseo
E a Santa Virgem das dores
De pé e de hora em hora
Representando três cores.

Depois de findo o ducado
Foi ao conde e disse atento
Findei minha residencia
E já fiz todo ornamento
Só precisamos tratar
O dia do casamento.

Foi marcado o casamento
Para dez de fevereiro
Em um domingo de Ramos
De um ceu sem nevoeiro
Mas de momento turbou-se
E caiu grande aguaceiro.

O sino da catedral
Soava como um cristal
O som ôco e sem origem
Como triste funeral
Daí a pouco se ouvia
A marcha nupcial.

Era Alzira que entrava
De braços com Agripino
Envolvida com um véu
Igual a um anjo divino
Com fidalga comitiva
Triste como a voz do sino.

Quando chegaram ao altar
Deu um enorme trovão
No momento que Alzira
Cruzou com o duque a mão
Caiu a faisca elétrica
Que rachou o paredão.

O conde pai de Alzira
Ficou para não viver
O duque disse: Meu tio
Não converse em desprazer
Que isto é tempo revolto
Nada vai acontecer.

Dai a cinco minutos
 Entrou um velho criado
 E disse ao conde: Patrão
 No trovão agigantado
 Caiu um forte corisco
 E rachou todo condado.

O conde ao ouvir aquilo
 Disse: prá o duque Agripino
 Minha filha se casou
 Porem foi contra o destino
 O duque disse: Meu tio
 Tudo pertence ao Divino.

Porem devido este fato
 A festa não valeu nada
 Alzira passou a noite
 Até alta madrugada
 Dando comida aos mendigos
 E à gente precisada.

Na manhã do outro dia
 Do seu pai se despediu
 E com o duque Agripino
 Para o ducado partiu
 Dando adeus ao seu povo
 Grande saudade sentiu.

O duque levou Alzira
 Para o seu rico ducado
 Sorrindo com a beleza
 Daquele anjo encantado
 E Alzira tão tristonha
 Que lhe causava cuidado.

O duque tinha um irmão
 Com o nome de Sabino
 Perverso, falso e topeira
 Depravado, vil, cretino
 E quando avistou Alzira
 Ficou como um assassino.

Alzira ao ver o cunhado
 E primo ficou tremendo
 Desceram lágrimas nos olhos
 E Sabino foi dizendo:
 Nunca vi tanta beleza
 Da forma que estou vendo.

Alzira à noite sonhou
 Que o pai do duque mandava
 Chamá-lo e com o irmão
 Ele sozinha a deixava
 Mas continuou calada
 Para ver em que se dava.

Dois anos foram passados
 Sem Alzira reclamar
 Um dia pela manhã
 Ela viu um homem entrar
 Depois de pedir licença
 E para o duque falar.

— Vosso pai manda dizer
 Que a Grécia entrou em guerra
 E está lhe atacando
 Querendo tomar-lhe a terra
 E manda chamar o duque
 Que a coisa está muito perra.

— Vá logo que o caso é serio
 O combate está ferino
 E deixe o ducado entregue
 A vosso irmão Dom Sabino
 E acuda vosso pai
 Que chora como menino.

— E aqui está um cartão
 Para que alguém conheça
 Em letras de vosso pai
 Juro por minha cabeça
 Que ele se recomenda
 À vossa esposa a condessa.

Alzira estava presente
 E vendo o homem explicar
 Aquela situação
 Começou logo a chorar
 Porque nas mãos do irmão
 Do duque iria ficar.

O duque Agripino disse-lhe
 — Meu amor eu vou partir
 Para o ducado paterno
 Pois não posso desistir
 Porém deixo o meu irmão
 Aqui prá te garantir.

E naquele mesmo dia
 Agripino viajou
 Para o ducado do pai
 E com Alzira deixou
 A direção do condado
 E ao irmão recomendou.

Sabino que já vivia
 Louco para conquistar
 A sua cunhada Alzira
 Disse: Eu vou me aproveitar
 Na ausencia de Agripino
 Convenço ela a me amar.

E com este pensamento
 Na mesma noite sonhou
 Com Alzira lhe dizendo
 — Às tuas ordens estou.
 Desde o tempo de criança
 Nisto Sabino acordou.

Cedinho foi ao condado
 À Alzira visitou
 Ela não deu-lhe atenção
 Ele tristonho voltou
 Então na segunda noite
 Por esta forma sonhou.

— Sabino dizia Alzira
 — Nasci para te amar
 Odeio o duque Agripino
 Penso sempre em o matar
 O desprezo que te dou
 E' só para tapiar.

Sabino no outro dia
 Mandou lhe dizer assim:
 — Prima do que precisar
 Fale e disponha de mim
 Quando Alzira recebeu
 O bilhete achou ruim.

E disse ao portador
 — De nada estou precisada
 O portador sem demora
 Transmitiu a embaixada
 A Sabino que ficou
 Com a alma revoltada.

No outro dia Sabino
 Com seu pensamento torto
 Com a alma perturbada
 Para arranjar um conforto
 Falsificou uma carta
 Dizendo: O duque foi morto.

E mandou levar a carta
 A Alzira e ela leu
 Depois disse é inverdade
 Isto nunca aconteceu
 Porque não faz quatro dias
 Que o duque me escreveu.

Sabino sabendo disto
 Disse: Se houver Satanaz
 Venha a mim que dou-lhe o sangue
 Para ver se ele faz
 Alzira gostar de mim
 Se seu poder for capaz.

Dizendo isto deitou-se
E começou madornar
Viu chegar um velho preto
E dizer: Quer sustentar
O que disse ainda há pouco
Eu faço Alzira lhe amar.

Por sonho ele respondia
— Dou-lhe alma e coração
Sangue, corpo e possuídos
Sem precisar de questão
E naquilo despertou
Na mais ardente paixão.

Quando Sabino sonhava
Alzira também sonhara
Em seu leito de esposa
Que um velhinho chegara
E bem na orla do leito
Para ela assim falara.

— Não desprezes teu cunhado
Que te tem estimação
Teu marido já foi morto
Abranda o teu coração
Dá teu amor a Sabino
Que te ama com paixão.

— Isto de honra é besteira
Madalena adulterou
Gozou muito bem a vida
E a ninguém nunca amou
Morreu e está escrito
Que Jesus Cristo a salvou.

Alzira de manhã cedo
Despertou sobressaltada
Abriu o seu santuário
E ficou ajoelhada
Fazendo preces à Deus
Para não ser maculada.



Naquilo ouviu um gemido
 E uma sombra passar
 Ela fez as suas preces
 Tratou de se retirar
 E lá, Sabino no quarto
 Ouviu uma voz falar:

— Sabino eu falei com ela
 Não me disse sim ou não
 Faz uma carta bem feita
 Lhe declarando paixão
 E espera o seu repúdio
 Ou sua declaração.

Sabino pegou a pena
 Poz num papel de setim
 E disse: Minha cunhada
 Desculpe em falar-lhe assim
 Sou um mísero apaixonado
 Se compadeça de mim.

— Desde a hora que lhe vi
 Que fiquei apaixonado
 Meu irmão já está morto
 E eu sou o seu cunhado
 Você pode me amar
 Sem ter o menor cuidado.

— Inda o duque sendo vivo
 Eu poderei o matar
 Tenho um líquido preparado
 Dele posso me livrar
 Um abraço de Sabino
 O que vive prá te amar.

Alzira ao receber
 A carta do atrevido
 Escreveu incontinentemente
 Pelo seguinte sentido
 — Sabino se persistires
 Contarei ao meu marido.

— Me respeite porque sou
 Uma senhora casada
 Meu esposo vivo ou morto
 Terei que morrer honrada
 Procure de sua igualha
 E não me escreva mais nada.

Sabino ficou possesso
 E disse: Irei me vingar
 Do desprezo que Alzira
 Me deu sem eu esperar
 Vou lhe levantar um falso
 Para ela me pagar.

Alzira tinha uma aia
 Sabino logo pensou
 De lhe falar casamento
 E quando o plano firmou
 Lançou mão de sua pena
 E uma carta anotou.

— Minha querida Izabel
 Sei que és uma empregada
 Porem pelo teu amor
 Minh'alma está torturada
 Mas não mostres esta escrita
 À minha boa cunhada.

— Porque ela é orgulhosa
 E na certa me censura
 Venhas até minha casa
 Que a tua formosura
 Me deixou apaixonado
 Em estado de locura.

— E se me amas também
 Podes vir aqui sem medo
 Em hora conveniente
 Prá ninguém fazer enrêdo
 E mesmo tenho precisão
 De declarar-te um segredo.

A aia que leu a carta
 Ficou como alucinada
 Pensou ser mesmo verdade
 E depois de já deitada
 Levantou-se e foi à casa
 De Sabino em disparada.

Sabino lá declarou-lhe
 As suas grandes paixões
 Sobre os segredos de Alzira
 Ela deu-lhe informações
 Inclusive alguns segredos
 Que havia em uns cartões.

Ele pediu-lhe os cartões
 Izabel foi e roubou
 Eles do quarto de Alzira
 E à Sabino entregou
 Disse ele: Alzira agora
 Irá saber quanto eu sou.

Entrou no seu aposento
 Trazendo um vidro pequeno
 E deu para Izabel
 Beber, e por ser veneno
 Ela bebeu e morreu
 Ali mesmo sem empeno.

Ele fez ver à Alzira
 A morte da empregada
 Alzira mandou buscá-la
 E sem maldade de nada
 Naquele ou no outro dia
 Fez a moça sepultada.

Passado quatorze meses
 O duque vitoriou
 Porque derrotou os gregos
 Para o condado voltou
 Nisto o grande miserável
 Sabino se aproveitou.

Foi encontrar o irmão
 E os cartões lhe mostrou
 Dizendo que foi Alzira
 Que por gosto lhe entregou
 Por ser segredos de núpcias
 O duque se indignou.

E continuou Sabino:
 — Ela foi me despertar
 No quarto que eu dormia
 Jurando de a mim amar
 Se eu matasse você
 Prá comigo se casar.

— Eu tive até nojo dela
 Lhe chamei de desgraçada
 Ela zangou-se comigo
 E de mim está intrigada
 Porque lhe repudiei
 Fiz ação certa, ou errada?

O duque Agripino ouvindo
 Aquela declaração
 Disse para ele assim
 — Provastes ser bom irmão
 Alzira é a miserável!
 Rugia como leão.

E quando chegou em casa
 Alzira veio lhe abraçar
 Há tempos que não lhe via
 E distante de pensar
 Que havia sido traída
 Nada podia maldar.

Ele empurrou-a e disse:
 Retire-se por favor
 Não posso lhe avistar
 Que você não tem pudor
 E prá chamar o pai dela
 Mandou logo um portador.

Alzira se retirou
E foi fazer orações
À noite quando dormia
Em suas meditações
Um anjo lhe apareceu
E lhe fez revelações.

Com cinco dias chegou
Seu pai, conde Zeferino
Alzira tomou-lhe a benção
Ele com ar de assassino
Mandou ela retirar-se
Como quem perdeu o tino.

Quando bateu meia noite
O duque chamou Alzira
À presença do pai dela
E explicou a mentira
Que o seu irmão lhe disse
Todo coberto de ira.

E disse: Meu caro conde
— E a prova mais real
E' que ela revelou
O segredo nupcial
E aqui estão os cartões
Prova mais do que cabal.

Alzira de pé ali
Pedi para se explicar
O pai dela assim lhe disse:
— Você não pode falar
— Muito obrigada meu pai
Foi o que pude exalar.

O conde cheio de ira
Disse: Filha condenada
Maldita porque fizestes
A minha honra ultrajada
Irás pagar com a morte
Prá não seres desgraçada.

— Não gostavas de Agripino
Ele sendo tão bondoso
Mas devias respeitar
Que ele era teu esposo
Ao menos em minha honra
— Terás castigo horroroso.

Aí olhou para o duque
E disse: Para a nação
Perdoar o crime dela
Só há uma salvação:
E' mandar assassiná-la
Na ilha do tubarão.

— Lá cave uma sepultura
Dentro da ilha deserta
Mate ela e ponha dentro
E' esta a sentença certa
E para os corvos comerem
Deixe a sepultura aberta.

O duque chamou seis homens
Que sem demora chegaram
Com seis senhoras casadas
A Alzira acompanharam
E com seis dias completos
Na dita ilha chegaram.

Disse um deles: Aqui
E' que devemos cavar
A cova prá botar ela
E Alzira a lhe olhar
Disse-lhe: Permita escrever
Duas cartas prá mandar.

— Pois não, respondeu Esparta
Chefe da expedição;
Ela pegou um papel
Já de caneta na mão
Fez uma carta ao marido
Pela seguinte razão.

— Desde a hora que te vi
Que li em teu coração
Despreso, ódio e rancor
Cegueira e contradição
De amor nada conheces
De honra nem de razão.

— Os cartões que teu irmão
Te mostrou foram roubados
Porque eu não aceitei
Seus instintos depravados
Junto a esta, escritos dele
Para ficarem lembrados.

— E prá saberes melhor
E abrandares a ira
Na gaveta dele tem
Uma prova da mentira
Deus te perdõe a loucura
E um adeus de tua Alzira.

Enquanto isto os carrascos
A grande cova cavavam
Alzira ali de joelhos
Porem eles nem lhe olhavam
Suados de fazer dó
Uns sorriam outros choravam.

Alzira fechou a carta
Sobre uma pedra botou
Retirou outro papel
A de seu pai começou
Se o espírito não me engana
Foi assim que ela anotou.

— Meu pai ao menos em sonho
Me bote a santa benção
Me casei para o senhor
Não me dar a maldição
E perante a luz divina
Nunca usei a traição.

— Como é que o senhor
Cria uma ovelha bela
Que nunca lhe fez ofensa
E depois entrega ela
A um lobo desalmado
Prá ele escarnecer dela?

— Leia a carta de Agripino
Que nela está a razão
Sabino meu vil cunhado
Foi quem me fez a traição
Mas o senhor e o duque
A ele dêem o perdão.

— O senhor em seu condado
Permanecerá com riso
Enquanto sou sepultada
Em um lugar impreciso
Bote a benção em sua filha
E até o dia do juízo.

Findo esta carta fechou-a
Os algozes terminaram
De cavar-lhe a sepultura
E contra a ela marcharam
Alzira se levantou
Eles ali lhe pegaram.

Ela disse: por favor
Me façam o último pedido
Quero fazer orações
Prá meu pai e meu marido
Esparta disse: Pois não!
Já meio compadecido.

Na orla esquerda da cova
Alzira se ajoelhou
Coberta de fino veu
E bem alto se expressou
Que até a própria cova
Ali se emocionou.

— Disse ela de mãos postas
 — Oh! Grande Deus de Israel
 Levai-me ao castigo eterno
 Se já fui uma infiel
 E dai-me o ceu por descanso
 Se permaneci fiel.

— Perdoai ao meu esposo
 Que mandou me assassinar
 O orgulho de meu pai
 Peço prá vós perdoar.
 E também ao meu cunhado
 Que tentou me conquistar.

— Perdoai a estes homens
 Dos quais eu estou cercada
 Para me assassinarem
 Pensando que sou culpada
 Não estão aqui por gosto
 Mas porque fui condenada.

— Esparta leve estas cartas
 E' este o último pedido
 Entregue uma ao meu pai
 E a outra ao meu marido
 Esparta ao recebê-las
 Ficou um pouco aturdido.

Nisto uma voz ecoou
 Como o som de uma lira
 Dentro da ilha deserta
 — A justa e condessa Alzira
 Será salva e quem tocá-la
 De Deus lhe recai a ira.

Os homens todos se olharam
 E disseram: O que faremos?
 Um dizia, outro dizia
 E' que nós não mataremos
 A condessa e se ela quer
 De volta a conduziremos.

*Na orla esquerda da cova
 Alzira se ajoelhou
 Coberta de fino veu
 E bem alto se expressou
 Que até a propria cova
 Ali se emocionou.*



— Muito obrigada senhores
Alzira lhes respondeu
Ficarei aqui na ilha
Cumprindo o destino meu
Deus acompanhe a vocês
Que aqui ficarei eu.

Despediram-se de Alzira
E todos doze embarcaram
Na praia do mar Egeu
Milhões de pérolas acharam
E todos ficaram ricos
Quando ao condado chegaram.

Era noite e Agripino
Naquela hora dormia
Todos se agasalharam
E então no outro dia
Esparta foi ao condado
Levar-lhe a cartografia.

Porem o duque ao ouvir
Que se tratava de Alzira
Disse assim ao portador
— Não acendes minha ira
Que nada quero saber
De um coração de Hetaira.

Esparta pediu desculpas
E dali se retirou
Foi ao conde Zeferino
A carta lhe entregou
Ele disse a mesma coisa
Para a carta nem olhou.

Esparta pediu licença
E dali se retirou
Conduziu as duas cartas
Em sua casa guardou
E nem ele nem os outros
Contaram o que se passou.

Assim passou-se três anos
Sem em nada se falar
O duque Agripino triste
E não quiz mais se casar
E uma noite dormindo
Ouviu uma voz falar.

— Porque não lestes a carta
Que Esparta te entregou?
Não te orgulhes meu marido
Que Jesus quando expiou
Um ladrão pediu perdão
E ele lhe perdoou.

— Investigues a verdade
E não sejas tão cruel
Me tens como traidora
Depravada e infiel
Quando durante a ausencia
Tua, fui mais que fiel.

— E' Alzira que te fala
Não temas porque te amo
Perdoei a tua ação
E se assim te reclamo
E' porque fostes ingrato
E pranto aqui eu derramo.

O duque ali despertou
Do sonho sobressaltado
E recordou-se que a carta
Dela havia recusado
E o conde Zeferino
Estava ali hospedado.

Então o duque Agripino
Ao seu sogro contou
O sonho que havia tido
O conde se admirou
E mandou chamar Esparta
Que sem demora chegou.

O duque falou: Esparta
 Já se apagou minha ira
 Me dizes se ainda tens
 Na mão as cartas que Alzira
 Mandou prá mim e prá o conde
 Não me venha com mentira.

Esparta disse-lhe: Senhor
 Tive cuidado em guardá-las
 Do modo que recebi
 Disse o conde vá buscá-las
 Esparta sem ter demora
 Foi vê-las para entregá-las.

Trouxe, entregou uma ao duque
 E outra ao conde pai dela
 E quando eles abriram
 Vendo a explanação bela
 Perguntaram prá Esparta
 — Onde você matou ela.

Esparta disse: Senhor
 Não conseguimos matar
 Ela porque uma voz
 Jurou nos exterminar
 Deixamos ela na ilha
 Sem em seu corpo tocar.

O duque foi com o conde
 Para a casa de Sabino
 Lá encontrou a escrita
 Na mala do assassino
 Obrigou ele contar
 Todo seu falso ferino.

Sabino explicou direito
 O duque quiz o matar
 O conde lhe disse: Alzira
 Pede prá lhe perdoar
 Disse o duque ele vai preso
 Até o dito lugar.

Levaram Sabino preso
 Prá ilha de Salomão
 E assim que lá chegaram
 Viram uma escavação
 — Deixei-a aqui disse Esparta
 E apontou com a mão.

Deixamos o conde aqui
 O duque e o irmão seu
 Vamos saber de Alzira
 Se escapou ou morreu
 Como ficou lá na ilha
 E quem foi que lhe valeu.

— Depois que ela ficou
 Sem uma só companhia
 Naquele triste deserto
 Condenada à tirania
 De joelhos e mãos postas
 Rezou ao morrer do dia.

— Oh! Virgem Mãe dos aflitos
 Valei-me por caridade
 Defendei-me nesta ilha
 Da morte sem piedade
 Porque vós sois testemunha
 De meu véu de honestidade.

Quando ela assim rezava
 O sol já se escondia
 O triste lençol da noite
 A ilha toda envolvia
 Ela ainda de joelhos
 Na mais tremenda agonia.

De súbito ela viu surgir
 Uma mulher com um manto
 Seguida por doze anjos
 Ela teve enorme espanto
 Continuou de joelhos
 Orando no mesmo canto.

A mulher se aproximou
 E pegou em sua mão
 E disse: Eu sou a Senhora
 De toda esta criação
 E ouvi a tua súplica
 Porque tens toda razão.

— Nisto chegou um leão
 E aos seus pés se curvou
 A Virgem olhou para a féra
 E ali lhe ordenou
 Que ficasse com Alzira
 E a reverenciou.

Depois dois pombinhos brancos
 Nos ombros dela pousaram
 A Virgem se retirou
 E os dois pombos ficaram
 Com Alzira e o leão
 Com nada se espantaram.

O leão se levantou
 Em Alzira se esfregou
 E como quem está chamando
 O seu vestido puxou
 Ela sem temer mais nada
 Ao leão acompanhou.

E os dois pombinhos brancos
 Pousaram sobre os seus ombros
 Alzira ainda assustada
 Com os olhos em assombros
 Andou uns quatro quilômetros
 Chegou em grandes escombros.

Achou uma enorme furna
 Onde o leão lhe levou
 Fez uma cama de feno
 Com o leão se deitou
 E os pombos encostados
 Assim a noite passou.

E no outro dia cedo
 Entrou por aquela gruta
 Encontrou água potavel
 E mais de um tipo de fruta
 Ficou como degredada
 Sem em nada ser corruta.

E assim vivia Alzira
 Com os pombos e o leão
 Comendo frutas no vale
 A sua satisfação
 Acompanhada dos pombos
 Cantando bela canção.

Na canção ela dizia

— Deus meu pai mestre e senhor
 Espero a vossa vontade
 Vossa vinda e vosso amor
 Esta ilha é um jardim
 E eu dela sou a flor.

E já fazia três anos
 Que Alzira ali sofria
 Passeando na floresta
 Com o leão em companhia
 Uma tarde viu dois homens
 Que à ela lhe seguia.

Conheceu ser eles dois
 O seu pai e o seu marido
 Disse ao leão não se mova
 E logo ouviu um gemido
 Foi o pai que a conheceu
 Desmaiou, ficou caído.

Ela veio e levantou-o
 O duque caiu no chão
 Ela o levantou também
 Ambos pediram perdão
 Ela disse: Eu perdoei-os
 Desde a hora da traição.

Ali conduziram ela
O leão lhe acompanhou
Para o começo da ilha
Onde Sabino ficou
Este quando viu Alzira
Com o remorso expirou.

Ela naquele momento
Fez prá ele uma oração
Deu um beijo em cada pombo
E abraçou o leão
E seguiu com o marido
Prá antiga habitação.

Morreu Sabino porem
Alzira lhe perdoou
Nada vale a falsidade
O Cristó assim afirmou
Ela sofreu mais um dia
Luziu a luz que brilhou.

Por isto a honra é o símbolo
Eterno do Himineu
Reinou Alzira feliz
Em cada, dominio seu
Indiferente aos pecados
Remindo os necessitados
Até quando faleceu.



7729

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

O PRÍNCIPE E A FADA — História comovente e emocionante, no tempo em que havia fadas. Entrelaçam-se para formar esta história, o amor, mistério e a coragem. Versos de Manoel Pereira Sobrinho.

O VALENTÃO DO MUNDO — História de um homem aventureiro que desconheceu o medo. Caçador exímio e cheio de coragem. Valentão vive as mais audaciosas aventuras. Versos de Manoel Pereira Sobrinho.

O ENJEITADO DE ORION — A tocante história de uma formosa rainha que sedenta de amor pelo filho de seu próprio espôso, não hesita em turvar as cristalinas águas que circundam o pedestal do seu brilhante futuro. Versos de Delarme Monteiro da Silva.

HENRIQUE SALCEDO — Uma história envolvente, cheia de perigos, de traição e luta. Uma história famosa nos pampas do sul. Uma história nascida para perpetuar-se através de gerações sem fim.

A ORFÃ ABANDONADA — A comovente narrativa que tem como palco a Europa Ocidental, particularmente Espanha e França, plena de emoções, aventuras, sofrimentos, tristeza e castigo. Em versos.

HISTÓRIA DO BICHO DE SETE CABEÇAS — As aventuras do valente soldado Simeão que lutou e abateu o temível dragão de sete cabeças que ameaçava a população de um reino da fantasia. Em versos.

HISTÓRIA DO PAPAGAIO DE OURO — A romântica história de amor de Nataniel e Virginia e da bruxa que decidira tudo fazer para impedir a realização dos sonhos do casal. Em versos.

PELEJA DE ZÉ PRETINHO COM MANOEL RIACHÃO — Toda a força poética, plena de espontaneidade, vivacidade e aquela fantástica capacidade de improvisação do cantador caboclo, num "desafio" típico do nosso folclore.

NOVAS ASTÚCIAS DO BERTOLDO — Volta o poeta Paulo Nunes Batista a contar as terríveis matreices do irrequieto e astuto Bertoldo, numa nova série de "casos" inéditos e curiosos.

NO TEMPO DE BOCAGE — Para rir a mais não poder. As mais divertidas anedotas e histórias jocosas, reunidas num novo volume com que a Editora Prelúdio brinda os apreciadores do gênero.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo